

**A CONSCIÊNCIA INFELIZ:  
UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA DAS OBRAS *MARGINAIS*, DE EVEL  
ROCHA, E *O DIÁRIO DE UM HERMAFRODITA*, DE HERCULINE BARBIN.**

Larissa da Silva Lisboa Souza (USP)

**RESUMO**

O artigo tem como objetivo refletir sobre as múltiplas impossibilidades dos sujeitos, a partir de seus exercícios dialéticos. Para tanto, o arcabouço teórico se iniciará pelas discussões fenomenológicas propostas por Hegel sobre o herói infeliz, e a releitura de Judith Butler, concatenando-as às questões de gênero e identidade. Assim, parte-se para a análise comparativa de duas obras artísticas que têm a rememoração como potência narrativa, "*Marginais*", do caboverdiano Evel Rocha (2010), e "*O diário de um hermafrodita*", da francesa Herculine Barbin (1978).

Palavras-chave: Literatura; Fenomenologia; Dialética; Impossibilidade; Gênero

A literatura tem inúmeros exemplos de textos que propõem um movimento dialético de personagens, onde é possível observar o desenvolvimento dos mesmos através de suas experiências. Desse modo, os erros e acertos vivenciados desenham não apenas o contorno das histórias, como também as relações íntimas e individuais dos sujeitos, ressignificando suas construções ao longo das narrativas.

A experiência dos personagens nas histórias narradas é o ponto de partida dessa reflexão. E, para tanto, escolho dois textos para discorrer sobre o assunto. O primeiro deles, *Marginais*, do cabo-verdiano Evel Rocha, um romance contemporâneo, publicado em 2010, que traz as memórias do personagem Sérgio Pitboy na periferia da Ilha de Sal, a principal Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Sérgio, nos últimos instantes de uma vida atribulada e degradante, entrega suas memórias para um conhecido que as publica, logo após a sua morte. Dessa forma, a narrativa conta a história de um homem comum que, pelas inúmeras dificuldades, poderia ter sido, mas que nunca foi.

O segundo, *O diário de um hermafrodita*, as memórias da francesa Adélaïde Herculine Barbin, escrito quando ele tinha 25 anos e que veio ao público após o seu suicídio, em 1868. Um texto esquecido que só voltou a ser discutido pelo seu relançamento, em 1978, mais de um século depois, com o prefácio de Michael Foucault.

Herculine Barbin relembra suas dolorosas experiências através da formação e transformação de Herculine em Abel. Inicialmente, enquanto uma mulher pobre, filha de uma governanta, teve uma trajetória limitada pela sua condição de vida: a questão profissional, demarcada pelos espaços educacionais e religiosos; a física, enquanto um indivíduo hermafrodita; e o desejo homoafetivo, em um espaço conservador e patriarcal no interior da França, no início do século XIX.

Duas histórias que são completamente diferentes e com personagens que não se assemelham *à priori*. Contudo, não seria possível pensar em um caminho comparativo sobre as experiências desses indivíduos, visto que suas vivências narradas trazem algo em comum, a memória?

Os romances de formação, ou *Bildungsroman*, são textos em que o desenvolvimento dos personagens é minuciosamente exposto, seja pelo caráter físico, psicológico, social, cultural ou político. Uma jornada metafórica ou não através de uma inexperiência inicial, assimilada pelos erros e acertos em seu desenvolvimento e que chega a um esclarecimento, às vezes amargo, da experiência de vida.

Para Hegel, em *Fenomenologia do Espírito* (1992), o processo de formação do indivíduo se deve ao progresso de sua relação com a razão. E isso se dá de uma forma cada vez mais autoconsciente em direção ao saber absoluto,

O verdadeiro é o todo. Mas o todo é somente a essência que se implementa através de seu desenvolvimento. Sobre o absoluto, deve se dizer que é essencialmente resultado; que só no fim é o que é na verdade. Sua natureza consiste justo nisso: em ser algo efetivo, em ser sujeito ou vir-a-ser-de-si mesmo (HEGEL, 1992, p.31).

Em *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France* (1987) Judith Butler, enquanto leitora e estudiosa do pensamento hegeliano, afirma que a progressão do indivíduo é um exercício dialético, através de uma tese e sua antítese, chegando à síntese. Assim, o romance de formação pode ser considerado dialético, visto que a progressão do personagem na narrativa é um movimento contínuo de construção e desconstrução de si, chegando à autoconsciência, e sua síntese representada como um saber absoluto.

A consciência, ou autoconsciência, é vinculada à figura do Herói moderno, que age através dos estágios de sua progressão, da ignorância ao esclarecimento. É interessante pensar, a partir disso, sobre a progressão dos personagens das duas narrativas.

As memórias de Sérgio, em *Marginais*, iniciam com uma perspectiva infértil ao leitor: “O que hoje nos atrai, amanhã poderá ser um manto de retalhos de recordações amargas, terminando no desejo intenso de pôr termo à vida” (ROCHA, 2010, p.11).

Sérgio narra inicialmente uma infância pobre, em que o banditismo faz parte da rotina das crianças que vivem à mercê da sorte, os chamados “Pitboys”, lembrando os meninos de Jorge Amado, em *Capitães de Areia* (2009), a exemplo das características comuns dos ambientes periféricos e a universalidade da pobreza. O círculo familiar de Sérgio, obviamente desestruturado, traz a figura materna como a única redentora de algum afeto, mas que, pelas condições de vida, está sempre distante e impossível de ser acessada. Por isso, as memórias familiares do personagem são carregadas de dores e dissabores, exemplificados pelos inúmeros casos de violência. E, ainda, vale ressaltar o espaço escolar, enquanto um lugar autoritário, violento e pouco favorável para o aprendizado de uma criança carente.

A formação do personagem, assim, levaria à construção de um indivíduo cruel e sem escrúpulos, um “vagabundo” (ROCHA, 2010, p. 15), como o personagem diz sobre si no início do texto, em que todo o fim justificaria o meio de pobreza e violência.

Entretanto, Sérgio, mesmo com todas as adversidades, tenta realizar o sonho de ser um jogador de futebol de sucesso e superar os limites impostos a ele.

No decorrer da estória, é perceptível a corrosiva desesperança em suas memórias. Com a impossibilidade de participar da seleção para novos jogadores em um time europeu por sua condição física, debilitada pela vida subnutrida de cuidados e solidariedade, Sérgio chega à vida adulta com uma consciência cruel de sua condição.

O texto de Herculine Bardin (1978) também traz essa consciência, através das memórias de uma mulher que viveu no interior da França, nas primeiras décadas do século XIX, com inúmeras privações.

Inicialmente, Herculine vivia uma situação razoável, visto que sua mãe era governanta de uma família nobre e, por isso, tinha um tratamento além da relação patronal. Todavia, o trabalho da mãe impossibilitava a criação e educação da menina. E, com apenas sete anos, Herculine foi colocada em um convento de freiras.

Um pouco mais velha, ela se destaca nos estudos e, assim como Sérgio Pitboy, começa a construir os seus sonhos. Porém, a sua condição de mulher pobre a impede de sonhar, sendo guiada pelo chefe de sua mãe a seguir o caminho da docência em instituições religiosas para mulheres, trabalho que Herculine não recusa, mas que a frustra, visto as limitações e o pouco prestígio em ser apenas uma Professora.

Refletindo inicialmente sobre as duas narrativas e as experiências vividas por esses indivíduos, é possível construir, assim, alguns questionamentos: A progressão dos personagens os levaria a um saber absoluto de suas impossibilidades? E, em que medida a autoconsciência não indeterminaria suas vidas, suas trajetórias?

Tanto Sérgio como Herculine trazem em seus discursos a consciência de que as impossibilidades têm relação com suas condições, e não com as situações da vida. E, para exemplificar essa diferença, minha leitura parte, então, à discussão de gênero.

Em *Subjects of Desire* (1987) Judith Butler propõe a discussão fenomenológica concatenada às reflexões de gênero. Assim, a teórica questiona o pensamento de Hegel no sentido de compreendê-lo que é possível pensar no herói infeliz (aquele que tem consciência de sua condição) apenas enquanto homem, não abrindo a possibilidade para suas diferenças. Além disso, enquanto Hegel entende a progressão do herói como um caminho para a autoconsciência, para Butler, somente a partir desse percurso será possível a criação de sua identidade.

Judith Butler, dessa forma, traz uma interessante discussão para a compreensão dessas duas histórias, visto que seus personagens são sujeitos que vivenciam múltiplas identidades e de forma complexa.

Em *Marginais*, a discussão de gênero vai além da experiência individual de Sérgio Pitboy. Ao longo da narrativa é possível encontrar outros indivíduos em que o gênero é tencionado, como a personagem Lena, que decidiu pelos espaços considerados masculinos:

Lena manuseava as cartas como ninguém; conhecia todos os truques do *tchintchôm* e se descobrisse que alguém estava a roubar no fogo não hesitava em desembainhar a navalha ou esmurrar a cara do batoteiro. Usava roupas masculinas conspurcadas de suor, tinha o rosto delicado de mulher, mas os punhos largos e os olhos desafiantes desencorajava qualquer mal intencionado. Lena, quando não estava a jogar batota, trabalhava como ajudante de pedreiro, pescava nos fins-de-semana e, no domingo à tarde, ia ao Estádio Marcelo Leitão ver futebol. Ela chegou à conclusão que ganhava mais a jogar cartas do que esbodegando no trabalho forçado. Fumava tudo o que era erva, bebia cerveja desafiando os homens com sua linguagem ordinária, porém rica em obscenidade. Sentava-se como homem, tirava a blusa, alegando calor, e deixava à mostra o soutien avolumado pelos fartos e arredondados seios, depois destratava a mãe daqueles que lhos observavam (ROCHA, 2010, p.67).

Sérgio ainda narra as histórias de Alcindo, um homem “mulherendo”, integrante do grupo “Pitboys”, que se tornou a “Branca de Neve”, quando todos descobrem que ele era um indivíduo hermafrodita, pela sua gravidez, ou mesmo Fusco, o personagem que trouxe à narrativa diversas passagens de suas relações homoafetivas e, em alguns casos, a violência como retrato cru do preconceito contra os gays. Mas é com Valdomiro, o mirinha, que se dá a primeira relação homoafetiva de Sérgio, e uma das passagens mais tristes dessas memórias.

Sérgio dizia que a relação entre eles era de paixão. “Eu não amava mirinha, como não amava ninguém” (ROCHA, 2010, p.116). Nesse sentido, a maneira como Sérgio relatava a sua experiência homossexual afirma que, em um espaço preconceituoso, machista e violento, somente é possível, e menos culposos, saciar o desejo sexual e afetivo com outro homem sem tocar em palavras vinculadas ao discurso amoroso.

Contudo, a relação entre os dois demonstrava um sentimento passional e cúmplice, visto que, na morte de Valdomiro, Sérgio ficou incumbido de entregar uma carta de Mirinha ao seu pai.

(...) Sou homossexual, a sujeira que entrou na sua casa, mas não sei viver de outra maneira. Quero que saibas que eu não virei homossexual, nasci assim. Por isso, meu pai, para que não sintas mais humilhação e porque não sei viver de outra maneira, vou matar a cabeça. Talvez num outro mundo eu possa ser mais compreendido tal como sou. Sou capaz de aguentar as troças, a fofoca da vizinhança, mas não posso viver sem a tua bênção! Perdoa-me por ter nascido gay. Adeus para sempre (ROCHA, 2010, p.118).

A relação de Sérgio com Mirinha é relatada rapidamente, assim como as vivências homoafetivas dos outros personagens, cabendo, assim, algumas reflexões sobre as impossibilidades desses sujeitos em experienciá-las, como também discuti-las.

Em *O Diário de um hermafrodita*, a tensão em relação ao gênero se dá especificamente com a personagem Herculine, que teve a sua primeira experiência afetiva ainda muito jovem, com uma amiga do internato, Léa, em que a relação homoafetiva já explicitava, inclusive, alguns traços do desejo erótico: “Eu a amei à primeira vista, e embora fisicamente ela não fosse deslumbrante, a graça e a simplicidade que todo o seu corpo vertia, tornavam-na irresistivelmente atraente.” (BARNBIN, 1978, p.18).

Quanto ao desenvolvimento do corpo de Herculine, enquanto as outras meninas chegavam à puberdade graciosas, a partir das mudanças que tecem as formas femininas, a personagem vivia o oposto,

(...) meu andar e minhas formas não eram harmoniosas. Minha pele, doentamente pálida, denotava um estado de sofrimento habitual. Meus traços visivelmente duros não passavam despercebidos. Uma leve penugem que aumentava a cada dia cobria o meu lábio superior e uma parte das bochechas. Compreende-se que essa particularidade suscitasse gracejos, os quais eu tentava evitar usando frequentemente a tesoura ao modo de uma navalha. Não fui bem-sucedida, entretanto, e tudo o que consegui com essa prática foi torná-la mais espessa e visível ainda (BARBIN, 1978, p.33).

Com as estranhas transformações do corpo, além dos confusos desejos, Herculine vivia, em meio aos constantes tormentos pelas mudanças de instituições de ensino religiosas e os términos de suas relações afetivas, até chegar à fase adulta, tornando-se Professora em um internato para meninas.

A docência, como já explícito, não gerava á Herculine grandes expectativas. Porém, sua relação com Sara, uma das filhas da diretora da Instituição, fez com que nascesse nela uma nova paixão. Contudo, Herculine já tinha consciência da impossibilidade dessa relação. E, mesmo com os conflitos e perigos em assumir um

romance lésbico, Herculine e Sara iniciam um grande romance, em que a amizade e o companheirismo eram mútuos.

É neste momento em que as memórias de Herculine deixam-se levar mais fortemente para o espaço sexual e erótico, como em “eu a abraçava e acariciava os cachos de seus cabelos naturalmente ondulados, apoiando meus lábios ora em seu pescoço, ora em seu belo peito nu!” (BARBIN, 1978, p.51-52). É curioso observar que, sempre que uma passagem como essa aparece no diário, Herculine reprime o seu desejo, visto que a culpa e a reprovação de seus atos faz parte de seu discurso e, dessa maneira, de sua formação identitária, como em “Meu Deus! Fui eu a culpada, e devo, portanto, me acusar agora de ter cometido um crime? Não, não!... Esse erro não foi meu, mas de fatalidade a que não pude resistir!!!” (Idem, p.53).

Naturalmente que, em pouco tempo, a relação entre as duas começa a demonstrar preocupação e angústia,

Sara, do fundo de minha alma, eu te amo como nunca amei ninguém na vida. Mas não sei o que está acontecendo comigo. E sinto que essa afeição não pode mais me satisfazer. Para isso preciso de você por toda a vida! Invejo, às vezes, a sorte daquele que será teu marido (BARBIN, 1978, p.52).

Ao mesmo tempo em que os conflitos aumentam, Herculine sofre cada vez mais com seu corpo, algo que ela não sabe explicar. E, em uma das crises, a mãe de Sara resolve chamar um médico que, consultando-a, fica perplexo com a descoberta: “O pobre homem ficou terrivelmente atordoado! Frases entrecortadas escapavam de sua boca, como se ele tivesse medo de as pronunciar. Eu queria que ele estivesse longe de mim!” (BARBIN, 1978, p.68). Mas Herculine só saberia mais tarde sobre a sua condição física.

Depois de alguns verões com encontros às escondidas com Sara, Herculine resolve deixar a instituição, como única forma de não desgraçar a vida da amada e difamar o nome do internato, visto que, como poderiam consumir publicamente este romance? Como seria possível assumir, perante a sociedade, uma relação lésbica em um ambiente religioso, em que mulheres são formadas para serem freiras ou boas esposas?

Em uma fase de desesperanças e desespero por seus desejos homoafetivos, Herculine recorre a um padre, que a aconselha a procurar um médico que, assim, diagnosticou a sua condição enquanto uma mulher de dois gêneros, ou seja, um indivíduo hermafrodito. Por isso, a personagem resolve não apenas aceitar o seu novo gênero, como oficializá-lo, tornando-se, assim, Abel Barbin.

A partir dos exemplos das experiências identitárias desses personagens é possível afirmar que o movimento dialético em suas formações os levaria para alguns esclarecimentos sobre suas vidas.

Em relação ao gênero, tanto Sérgio como Herculine, ou Abel, constroem uma autoconsciência em que compreendem seus conflitos enquanto uma condição de vida. Se as experiências estivessem no âmbito situacional, as esperanças tanto de Sérgio vivenciar de forma mais aprofundada a sua relação homoafetiva com mirinha seria possível. E Herculine, a construção de um romance mais sólido, e público, com Sara.

Todavia, suas vidas estão encarceradas nos limites da condição, portanto, impossível que haja mudanças significativas nas vidas dos dois personagens e que possam viver livremente seus desejos e vontades.

A condição de vida dos dois sujeitos os levam a uma amarga consciência de si, em que a solidão foi único caminho encontrado. Sérgio, pela frustração de um sonho profissional e a impossibilidade de amar; Herculine, pela condição física que a enquadrava como uma aberração exótica, e também a inviabilidade do amor.

Assim, concluo que a formação desses sujeitos para a autoconsciência trouxe a eles a clareza da impossibilidade de viver. O fim dos mesmos justifica essa afirmação, visto que, Sérgio morre (ou se deixa morrer?) debilitado nas ruas pobres da Ilha do Sal e Abel se suicida.

A consciência infeliz desses personagens reverbera na percepção de suas condições subalternas, enquanto sujeitos periféricos e impossibilitados de exercer suas múltiplas identidades. Se Gayatri Spivak (1997) questiona “Pode o subalterno falar?”, termino essa comunicação com um questionamento semelhante, pode o subalterno pensar sobre si?

## **REFERÊNCIAS**

- AMADO, Jorge. *Capitães de Areia*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- BARBIN, Herculine. *O diário de um hermafrodita*. Trad.: Irley Franco. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- BUTLER, Judith. *Subjects of Desire: Hegelian reflections in Twentieth-Century France*. Columbia University. E.U.A: Press Edition, 1987.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Parte I. Trad.: Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.



ROCHA, Evel. *Marginais*. Cabo Verde: Gráfica da Praia, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad.: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.